

Esse número da Revista Escrita, dedicado aos estudos de gênero, o recebo e o situo no cerne desses gestos que vem arfar em meio às angústias de seu tempo ‘um pouco de ar senão se sufoca’!

Bem-vindo porque inscreve de modo novo pesquisas que vem sendo já há um certo tempo, e cada vez mais, desenvolvidas pelxs mestrands e doutorands que integram o Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Bem-vindo também porque atualiza necessariamente um certo número de questões que pareciam que tinham caído em desuso, ou que andavam esquecidas ou mofadas em muitas cabeças, tais como a questão da sexualidade (vista já muito depois de Freud, mas também muito depois do Anti-Édipo de Deleuze e Guattari), ou mesmo a questão do feminismo (muito, mas muito depois de Beauvoir). Bem-vindo, e digo agora de modo mais incisivo –ao mesmo tempo que mais localizado- porque discutir corpo, sexualidade e gênero num país que nunca legalizou o aborto, que continua com um alto índice de violência contra a mulher, que ataca constantemente a prática de afeto público entre pessoas do mesmo ‘sexo’ e que desconhece toda e qualquer prática misógina nos palcos do saber é no mínimo pra balançar os penduricalhos e ver o que se pode deixar cair, e o que queremos mais ou menos derrubar, com a delicadeza de um peteleco ou com a alegria do pensamento, ambos gestos que não se furtam aos combates necessários, aos estrangulamentos do poder, assim como aos abusivos e incessantes e novos dispositivos de controle que se tecem em, com e sobre nós mesmos. Pre/posições indicativas não apenas de uma *ars erotica* da dominação, mas, e sobretudo, de uma ‘gestual genitália’ que deve poder se introduzir para macerar cotidianamente as vidas fascistas que pululam em todxs nxs.

Oportuno e não apenas bem-vindo esse número da Revista Escrita posto que coincide com a recente tradução do livro de Preciado *Manifesto contra-sexual* aqui no Brasil. Se poderia dizer que os textos de Paul Beatriz Preciado vêm reinserindo o tom da discussão de gênero numa onda de reviravolta. A própria ideia de ‘manifesto’ e a característica propositiva, lúdica, derrisória em relação a teóricos canônicos, tais como Butler e Derrida, fazem desse livro de Preciado uma peça a ser manuseada, golpeada, ela própria revirada.

A discussão de Preciado com Butler me parece no mínimo exemplar para esboçar a mudança (bastante recente aliás – dos anos noventa para os anos 2000) na abordagem acerca da definição do conceito de gênero. Diz Preciado: “O gênero não é simplesmente performativo (quer dizer um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como havia querido Judith Butler. O gênero é antes de tudo protético, quer dizer, não se dá senão na materialidade dos corpos” (PRECIADO, 2011, 21).

Parece que saímos da premência em identificar a materialidade como algo interior às práticas discursivas e adentramos –aparentemente – numa espécie de materialidade *tout court* que, no entanto, acabará por fazer com que cheguemos à sua própria destituição. Vejamos a conclusão de Preciado a esse respeito, também ela exemplar: “Os órgãos sexuais como tais não existem. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais são já o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e se utilizam

com propriedade, de acordo com sua ‘natureza’(relações heterossexuais)”. (PRECIADO, 2011, 23).

Se fosse em poucas linhas buscar fazer um resumo do resumo dos gestos que engendram essa proposição de Preciado diria que: o percurso efetuado por uma crítica que desde mais ou menos os anos noventa começou a dar especial atenção às questões relativas à materialidade firmava-se primeiro no seu engendramento ao plano da linguagem, e conseqüentemente às análises das práticas de inscrição ou de construção da materialidade mesma dos corpos a partir daí. Mas a análise das inscrições dessas práticas nos corpos leva, num segundo momento, à negação da materialidade desses mesmos corpos. De algum modo, e essa é uma das reviravoltas atuais, o deslocamento que se opera faz com que: 1) se saia da materialidade vista apenas ou enfaticamente como acontecimento discursivo, performativo; 2) que se volte ao corpo, e por conseguinte a sua anatomia, em seu sentido mais restrito e arcaico – órgãos sexuais ; 3) que se entenda que essa arquitetura orgânica é ela mesmo uma invenção – logo negação brutal da aparente manifestação concreta da corporalidade; 4) que se chegue a essa negação por uma acoplagem entre os mecanismos simbólicos/discursivos e os mecanismos orgânicos/corporais; 5) acoplagem que obviamente resulta das relações de produção cada vez mais sofisticadas de corpos protéticos. Observem por exemplo o valor supremo que vem adquirir o *dildo* para o funcionamento das proposições de Paul Beatriz Preciado.

O que é interessante notar, e isso é o que tento sugerir e deixar aqui para vocês¹, é que uma acoplagem propriamente maquínica ou protética, entre o simbólico e o real, entre o discurso e a matéria, o performativo e o concreto, a linguagem e o corpo, dará origem a uma outra zona², ainda pouco conhecida por nós.

Essa zona que aparece apenas indicada no próprio texto de Preciado deverá, imagino, e algumas vezes vejo, como num lampejo, aparecer e desaparecer nos textos de muitos de vocês.

Não me resta senão agradecer o convite para escrever esse Prefácio da Revista Escrita, cujo primeiro número projetei, com os meus colegas de mestrado, também num lampejo ou num vislumbre um tanto inebriado pelas pesquisas sobre o corpo, que aqui nessa casa realizei lá pelos idos de 1995.

Abraços,

Ana Kiffer

Junho 2015

¹ Desenvolvo esse tema no artigo intitulado “Esboços em torno do corpo, impensável” no livro *Literatura e Pensamento* (org.) EYBEN, Piero, UNB, no prelo.

² “Esta disciplina contrasexual se desarrolla en el sentido de una transformación general del cuerpo, similar a las conversiones somáticas, a las prácticas de la meditación extrema, a los rituales propuestos en el body art y en determinadas tradiciones espirituales.” (PRECIADO, 2011, 29).